

O português do Brasil: algumas considerações sobre o legado dos diferentes povos

Maria José Souza da Silva
Jeane Gomes
Liliane Belém
Karine Monteiro de Oliveira
Osmar Pascoal¹

Descoberto o Brasil pelos portugueses em 1500, tomada posse de terra em nome do rei de Portugal e iniciada anos depois da colonização, a língua portuguesa foi trazida para cá, e pouco a pouco foi se propagando. É sabido que os nossos colonizadores transplantaram para cá a língua românica, ainda em aspecto arcaico próxima à que nos ficou documentada nos textos do século XV. Aqui ela entra em contato com povos que falavam outra língua: o tupi que se tornou a língua geral do Brasil-Colônia.

Nos primeiros tempos até o século XVIII, falou-se mais tupi do que a língua portuguesa. O tupi era a língua geral, transmitida das mães para os filhos, instrumento de comunicação do cotidiano. No entanto, o português era a língua, das cidades maiores, a língua da administração ou do comércio. Como o português era a língua mais culta, foi ganhando espaço e isolando a língua tupi em pequenas regiões da Amazônia, onde até hoje é usada num dialeto conhecido por *nheengatu*.² Durante esse processo, houve um momento em que os índios abandonaram o tupi e adotaram a língua românica dos descobridores. Porém, esses índios falavam mal a nova língua, trazendo para ela os seus antigos hábitos de pronúncia, formando assim, um dialeto crioulo do tipo tupi. Dessa forma, temos na área inculta da população, uma língua alterada com influência do tupi.

Em contrapartida, a língua literária ia sendo trabalhada com amor e requinte, destacando-se Cláudio Manoel da Costa. Com a independência política, o povo brasileiro toma consciência de sua existência, nascendo então, um anseio por uma literatura própria, surgindo um estilo brasileiro, ou seja, uma expressão lingüística reflexo do modo de ser e de viver do brasileiro. A partir da criação desse “estilo brasileiro”, intensifica-se o projeto de criação de uma literatura nacional, expressa pelos românticos do século XX.

¹ Acadêmico(as) do curso de Letras Francês/Português.

² MELO, Gladstone Chaves p. 89 cap. VI.

Em Iracema de José de Alencar, exemplifica a permanência das influências do tupi para a formação do léxico português. Visto que a maioria das contribuições do léxico brasileiro provém do tupi-guarani:

Por esse tempo pisava Martim os campos amarelos do Tauape; seu irmão Poti, o inseparável, caminhava a seu lado.

Oito luas havia que ele deixara as praias de Jacarécanga. Vencidos os guaraciabas, na baía dos papagaios, o guerreiro cristão quis partir para as margens do Mearim, onde habitava o bárbaro aliado dos tupinambás.

Poti e seus guerreiros o acompanharam. Depois que transpuseram o braço corrente do mar que vem da serra de Tauatinga e banha as várzeas onde se pesca o piau, viram enfim as praias do Mearim, e a velha taba do bárbaro tapuia.

A raça dos cabelos do sol cada vez ganhava mais a amizade dos tupinambás; crescia o número dos guerreiros brancos, que já tinham levantado na ilha a grande itaoca, para despedir o raio.

Quando Martim viu o que desejava, tornou aos campos da Porangaba, que ele agora trilha. Já ouve o ronco do mar nas praias do Mocoripe; já lhe bafeja o rosto o sopro vivo das vagas do oceano.

Quanto mais seu passo o aproxima da cabana, mais lento se torna e pesado. Tem medo de chegar; e sente que sua alma vai sofrer, quando os olhos tristes e magoados da esposa entrarem nela.

Há muito que a palavra desertou de seu lábio seco; o amigo respeita este silêncio, que ele bem entende. E o silêncio do rio quando passa nos lugares profundos e sombrios.

Tanto que os dois guerreiros tocaram as margens do rio, ouviram o latir do cão, a chamá-los e o grito da ará, que se lamentava.³

“Tauape – lugar de barro amarelo;

Jacarecanga – cabeça de jacaré

Guaraciabas – europeus (cabelos claros)

Tapuia – inimigos

Piau – peixe

Itaoca – casa

Porangaba – grande beleza

Mocoripe – aquilo que faz alegria

Ará – periquito”

Essa busca por uma identidade nacional foi ganhando expressão cada vez mais viva estilo brasileiro, que tem levado muitos a falar de “língua brasileira”.

³ Iracema cap. XXXII.

Para Gladstone Chaves,⁴ além das variantes locais, grupais e ocasionais, que toda língua apresenta, uma forma superior que é a língua-padrão, a forma lingüística ideal, isto é, aquela aceita pela comunidade, é fato de cultura. Trata-se da língua adquirida, a qual aprende-se na escola, exatamente por ser fato de cultura intelectual. A língua comum do Brasil é a mesma de Portugal, as diferenças são estilísticas. Tanto lá como aqui há desvios de padrão. No entanto, é de fundamental importância defender a língua-padrão-comum do Brasil e de Portugal, pois defendê-la é sinal de libertação de preconceitos ou de complexos:

“Muitos ou quase todos que se horrorizam com a idéia de uma pauta entre Brasil e Portugal, chamando a isso de subordinação ao colonizador, têm, na verdade complexo de colonizado. No subconsciente ou no consciente psicológico se sente tutelado, diminuído, menor”⁵.

A constituição do vocabulário

O acervo de qualquer língua origina de três fatores: a continuidade, a importação e a formação vernácula. Assim, também, é o caso do português.

Classifica-se por continuidade palavras herdada, que compõem o idioma, no caso do português são palavras que se usavam no latim vulgar e no romance portulense.

Depois de constituído, o português foi se alterando até assumir aspecto próprio, sofrendo poucas alterações⁶. Exemplo:

O – p – intervocálico > p ex: lupu > lobo

O – l – caiu ex: malu > mau

O – dy – > j ex: hodie > hoje

O - e – final, em determinados casos desapareceu. Ex: sole > sol.

Exemplo: Chefe, mestre, feliz, jornal, trecho.

É chamada de histórica a importação, quando ela decorre de contatos imediatos de um povo com o outro, é o caso do tupi no português do Brasil; de episódica quando é produto de intercâmbio cultural ou comercial.

⁴ MELO, Gladstone Chaves, Cap. VII, p. 95.

⁵ MELO, Gladstone Chaves, p. 102.

⁶ MELO, Gladstone Chaves, p. 102.

Exemplo: negligé, cache-col, big, show.

Há em português palavras francesas, provençais, catalãs, espanholas, italianas, inglesas, alemãs, russas, turcas, persas, malaias, sânscritas, hindustanis, malaialas, tupis, bantas, nangôs, japonesas, chinesas, outras.

Caído no uso comum o estrangeirismo tende a vestir-se do jeito da terra. Exemplo: futebol, pudim, bife, fraque, cigarro e molambo.

Segundo Houaiss⁷, é preciso enfrentar a problemática que mostra o Brasil como incapaz de elaborar a sua própria história da língua portuguesa, apesar de ter uma bibliografia rica tanto na fala quanto na escrita. O enriquecimento da língua portuguesa (Brasil) com um número considerável de línguas indígenas, africanas e até mesmo européias e asiáticas. São inúmeras as palavras que vieram do tupi. Exemplo: guri, mingau, capim, araponga, e outras; entre os nomes de pessoas: Jurema, Iara, Araci, Iracema e entre os topônimos (nomes de localidade) temos: Niterói, Ceará, Catumbi e outros. Além do Tupi temos a influência da língua africana, que chegou ao Brasil com os escravos trazidos da África. Exemplo: quilombo, banzo, samba, quitanda, acarajé, vatapá, dendê, além dos nomes de entidades da umbanda, como Exu, Orixá, Ogum, Iansã e outros.

Antônio Geraldo da Cunha⁸ oferece notável expansão do recenseamento de Antenor Nascentes no seu dicionário de palavras portuguesas de origem tupi. Observamos algumas: abacaxi, amendoim, araçá, arapuá, bacuri, beiju, buriti, caatinga, cabiúna, caboclo, caipira, caipora, cipó, cupuaçu, gambá, guará, guariba, igarapé, ipê, itapuá, jaçanã, jacarandá, jacaré, jacu, jacá, jibóia, jucá, jurema, maracá, maracajá, marajá, macaxeira, maracanã, nhambi, oca, paca, paçoca, pacu, piracema, pirarucu, piraíba, potó, poraquê, quipá, quiri, reripeba, reriçu, sapé (sapê), siri, socó, sucuri, sumari, surubim, taba, tabatinga, tacuri, taiacu, tapioca, tiiririca, tupã, tupé, uaína, urucu, urubu, viatã, vitinga, xexéu, zabucaí. Há um número apreciável de elementos tupis; tudo leva a crer que em maioria os tupinismos são regionalismos. Muitas das palavras registradas, ao lado de serem regionalismos, podem ser arcaísmos. Pouquíssimos são os tupinismos adjetivos: alguns eram sufixos como açumirim. A maioria é constituída por substantivos.

Já os africanos foram, de longe, aqueles sobre cujos ombros recaiu a principal tarefa produtora e criadora de riquezas, em que se inclui um influxo espiritual, como se

⁷ HOUAISS, Antônio.

⁸ CUNHA, Antônio Geraldo.

pode depreender das crenças, costumes, hábitos, festividades brasileiras. A temática da escravidão e das influências desta na vida doméstica dos senhores – pelo trabalho, pela alimentação, pela prática sexual, idealizando o negro muito menos do que o fez para com o indígena; Os estudos científicos começam a rigor com Nina Rodrigues, chegando a alto nível com Artur Ramos; Os estudos universitários marcam talvez momentos de “recuperação” do vestigial falado nos candomblés, erigindo-se o iorubano (nagô).

De que o português do Brasil herdou cerca de 10 mil vocábulos em sua maioria pela toponímia e pela onomástica, a que se somam nomes de vegetais e de animais.⁹

Toda língua tem seu modo de ver a vida. Através do tupi antigo podemos conhecer o modo como eles a encaravam.

O prefixo “mo-”

Na língua tupi a partícula “mo-“ tem duas aplicações. O prefixo servia para transformar um verbo transitivo em intransitivo ou adjetivo. Exemplificando:

Ara (nascer) > moara (ajudar a nascer)

Catu (bom) > mongatu (tornar bom)

O mais singular é quando “mo-“ transforma substantivo em verbo.

Anga (a sombra, a imagem) > moanga (pensar, imaginar)

Os primeiros brasileiros não tinham a mesma noção que os nossos colonizadores. Eles não registravam os fatos partindo do passado até o presente. O mundo era vivido no presente. Isso pode ser visto na língua. Em português é função do verbo indicar ação do tempo. No entanto, no tupi essa é a função do substantivo.

O sufixo “guera-“ (ou “qüera” ou “-puera”) é usado para dizer que uma coisa foi mas não é mais.

Exemplo:

Sôo (carne viva)

Sóoqüera (carne na panela)

⁹ RODOLFO Ilari – Linguística Românica. Editora Ática, 3ª edição, 2006.

Abagüera (é peruca, aquilo que sobrou do cabelo vivo)

Juru (boca)

Jurugüera (pessoa metida a falar)

Kaugüera (é alcoólatra)

Nheengüera (recado)

Nheen (falar em viva voz, de forma compreensível)

“Portanto, o sufixo “guera” serve para mostrar que há uma relação entre as coisas, as ações deixam rastro, um hábito impossível de ser negado.”¹⁰

A insuficiência de informações rigorosamente científicas sobre as diferenças que separam as variedades regionais existentes no Brasil não permite classificá-las em bases semelhantes às que foram adotadas na classificação dos dialetos do português europeu. Existe, em caráter provisório, uma proposta de classificação de conjunto que se baseia - como no caso do português europeu - em diferenças de pronúncia (basicamente no grau de abertura na pronúncia das vogais, como em pegar, onde o "e" pode ser aberto ou fechado, e na cadência da fala). Segundo essa proposta, é possível distinguir dois grupos de dialetos brasileiros: o do Norte e o do Sul. Pode-se distinguir no Norte duas variedades: amazônica e nordestina. E, no Sul, quatro: baiana, fluminense, mineira e sulina.

A fala popular brasileira apresenta uma relativa unidade, maior ainda do que a da portuguesa, o que surpreende em se tratando de um país tão vasto. A comparação das variedades dialectais brasileiras com as portuguesas leva à conclusão de que aquelas representam em conjunto um sincretismo destas, já que quase todos os traços regionais ou do português padrão europeu que não aparecem na língua culta brasileira são encontrados em algum dialeto do Brasil.

No século XX, a distância entre as variantes portuguesa e brasileira do português aumentou em razão dos avanços tecnológicos do período: não existindo um procedimento unificado para a incorporação de novos termos à língua, certas palavras passaram a ter formas diferentes nos dois países (comboio e trem, autocarro e ônibus, pedágio e portagem). Além disso, o individualismo e nacionalismo que caracterizam o movimento romântico do início do século intensificaram a literatura nacional expressa na variedade brasileira da língua portuguesa, argumento retomado pelos modernistas que defendiam, em 1922, a necessidade de romper com os modelos tradicionais

¹⁰ MELO, Gladstone Chaves de. Introdução à Filologia e Lingüística Portuguesa.

portugueses e privilegiar as peculiaridades do falar brasileiro. A abertura conquistada pelos modernistas consagrou literariamente a norma brasileira.

Considerações finais

No início da colonização portuguesa no Brasil (a partir da descoberta, em 1500), o tupi (mais precisamente, o tupinambá, uma língua do litoral brasileiro da família tupi-guarani) foi usado como língua geral na colônia, ao lado do português, principalmente graças aos padres jesuítas que haviam estudado e difundido a língua. Em 1757, a utilização do tupi foi proibida por uma Provisão Real. Tal medida foi possível porque, a essa altura, o tupi já estava sendo suplantado pelo português, em virtude da chegada de muitos imigrantes da metrópole. Com a expulsão dos jesuítas em 1759, o português fixou-se definitivamente como o idioma do Brasil. Das línguas indígenas, o português herdou palavras ligadas à flora e à fauna (*abacaxi, mandioca, caju, tatu, piranha*), bem como nomes próprios e geográficos.

Com o fluxo de escravos trazidos da África, a língua falada na colônia recebeu novas contribuições. A influência africana no português do Brasil, que em alguns casos chegou também à Europa, veio principalmente do iorubá, falado pelos negros vindos da Nigéria (vocabulário ligado à religião e à cozinha afrobrasileiras), e do quimbundo angolano (palavras como *caçula, moleque* e *samba*).

Um novo afastamento entre o português brasileiro e o europeu aconteceu quando a língua falada no Brasil colonial não acompanhou as mudanças ocorridas no falar português (principalmente por influência francesa) durante o século XVIII, mantendo-se fiel, basicamente, à maneira de pronunciar da época da descoberta. Uma reaproximação ocorreu entre 1808 e 1821, quando a família real portuguesa, em razão da invasão do país pelas tropas de Napoleão Bonaparte, transferiu-se para o Brasil com toda sua corte, ocasionando um reaportuguesamento intenso da língua falada nas grandes cidades.

Após a independência (1822), o português falado no Brasil sofreu influências de imigrantes europeus que se instalaram no centro e sul do país. Isso explica certas modalidades de pronúncia e algumas mudanças superficiais de léxico que existem entre as regiões do Brasil, que variam de acordo com o fluxo migratório que cada uma recebeu.

Referências bibliográficas

HOUAISS, Antônio. *Português no Brasil*. Rio de Janeiro: Recreio, 1992.

MELO, Gladstone Chaves de. *Introdução à Filologia e Lingüística Românica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico 1960.

RODOLFO Ilari. *Lingüística Românica*. Editora Ática, 3ª edição, 2006.

REVISTA, *Língua*. São Paulo: Ed. Segmentos, ano I, número 3, dezembro de 2005.

ALENCAR, José. *Iracema*. Cap. XXXII.